

Inimigos da Moeda

Notícias sobre nova crise envolvendo o governo De la Rúa e o ministro da Economia, Domingo Cavallo, voltaram a pressionar o câmbio na manhã de ontem. A cotação do dólar alcançou rapidamente R\$ 2,767, mas no meio da tarde cedeu para R\$ 2,735, como efeito da intervenção do Banco Central. A descrição passo a passo torna-se necessária para demonstrar que o mercado financeiro continua a buscar motivos que justifiquem a nervosa especulação com a moeda nacional. Por mais que surjam – até mesmo no exterior – comentários positivos sobre os fundamentos da economia brasileira, há que buscar explicações em sentido contrário. Além da novela argentina, lamentou-se também o veto do FMI à sugestão de que o Banco Central venha a atuar nos mercados derivativos (futuro e opções) para combater a alta do dólar. A atual administração do Banco Central também não levou a idéia a sério.. Mas, para os especuladores, não importam os fatos. O que interessa é gerar confusão e pessimismo.

Em recente entrevista ao *Jornal do Brasil*, o ex-ministro da Fazenda Rubens Ricúpero pôs o dedo na ferida: “A economia brasileira não está de forma alguma deteriorada para ter essa especulação com o dólar. Há abutres torcendo pelo pior, apenas esperando a hora de fazer um ataque”. Palavras fortes, porém verdadeiras. Tome-se o exemplo da boataria sobre a Argentina. Ninguém no Brasil ficará surpreso se o país vizinho decretar a moratória. A dívida da Argentina está rebaixada ao *rating* mais baixo pelas agências de classificação de risco. Para os analistas de Wall Street, não merece nada além de um *triple C*, cotação de padrão africano. Se e quando o *default* acontecer, as contas de investidores e instituições embutiram a perda há muito tempo. Não existirá motivo para maior alarme.

Em relação à ousada sugestão de o BC operar nos derivativos, a opinião do FMI era mais do que conhecida. Mercados futuro e de opções têm função econômica, mas são terrenos movediços, ao

gosto dos especuladores. Permitem alavancagem de ganhos, mas também multiplicam os prejuízos. A volatilidade dos mercados derivativos jogou na lona muita instituição séria (o tradicional banco Barings que o diga). O melhor que faz a autoridade monetária é acompanhá-los de fora. O Banco Central não deve correr riscos desnecessários, mesmo que o propósito seja aparentemente justo – no caso, facilitar o *hedge* das empresas sem a necessidade de emitir títulos com cláusula cambial.

O ideal é dar menos ouvido aos especuladores e prestar mais atenção aos efeitos da política monetária e aos fundamentos da economia. É hora de esfriar a cabeça. Para quem não se deixa levar pela sanha imediatista, a taxa real de câmbio tem grande possibilidade de se manter nos níveis atuais. Poderá até cair caso se confirmem as boas notícias da virada do ano, como a crise energética sob controle e o ressurgimento do saldo comercial. Certo é que a moeda americana não vai chegar às nuvens como desejam os mais afoitos. Nas previsões do economista Octavio de Barros, do Banco BBV, “o dólar deverá furar a barreira dos R\$ 3,00, mas apenas ao longo de 2002, não a curto prazo”. Assim mesmo, se for confirmada a penúria no fluxo de recursos externos, tanto investimentos diretos quanto empréstimos.

Acredita-se que os trunfos nas mãos do Banco Central para enfrentar a especulação são mais do que suficientes. Os leilões de títulos cambiais se mostraram eficazes e também a elevação do compulsório dos bancos. Outro mecanismo poderoso é a exigência de reservas mais elevadas para instituições que carregam posições em dólar. Além disso, é cada vez mais previsível que o FMI está disposto a reforçar a linha de crédito de emergência de US\$ 15 bilhões, destinada ao Brasil. Provavelmente vêm aí alguns bilhões a mais. Fica a advertência para quem gosta de ataques especulativos. O Banco Central dispõe de munição pesada para enfrentar os inimigos da moeda.